



# O LEVANTE DAS EMPENAS: LAMPEJOS EM TEMPOS **DE PANDEMIA**

THE RISE OF THE GABLES: FLASHES IN PANDEMIC TIMES

Max Alan KAMPA Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil. maxakampa@gmail.com https://orcid.org/0000-0001-8493-537X

Erick Renan KAMPA

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Brasil. erickrkampa@gmail.com https://orcid.org/0000-0001-8166-9504

Marcos Namba Beccari Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Brasil. contato@marcosbeccari.com https://orcid.org/0000-0002-2178-097X\_0

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo

### **RESUMO**

O presente artigo, de teor ensaístico, propõe uma reflexão sobre as projeções que ganharam as fachadas dos prédios ao redor do Brasil e que se firmaram como forma de protesto contra as ações do governo em meio ao confinamento imposto pela pandemia da Covid-19. Em completo desacordo com as estratégias escolhidas pelo governo federal para o enfrentamento da pandemia, esses manifestantes passaram a utilizar da reclusão para, a partir de suas janelas, lançarem nas empenas suas revoltas e criar uma ação em rede, que se prolifera e transforma-se em um ato de resistência diante do poder dominante. Adotando como base o conceito de biopolítica visto em Michel Foucault e dialogando com as investigações do filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman sobre os levantes e as resistências, procuramos pensar sobre a importância desse movimento de insurreição no contexto da pandemia, e em como sua existência e sua insistência em sobreviver, estão intrinsecamente ligadas às relações de poder.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19. Biopolítica. Pandemia. Foucault. Didi-Huberman.

### **ABSTRACT**

This essay proposes a reflection on the projections that won the facades of buildings throughout Brazil that were established as a form of protest against governmental actions amid the confinement imposed by the Covid-19 pandemic. In complete disagreement with the strategies chosen by the federal government to face the pandemic, these protesters started to use confinement to, from their windows, launch their dissatisfactions on the gables and create a network action, which proliferates and transforms itself in an act of resistance against the dominant power. Based on the concept of biopolitics seen in Michel Foucault and dialoguing with the investigations of the philosopher and art historian Georges Didi-Huberman on the uprisings and resistances, we try to reflect on the importance of the uprisings in the pandemic context, and on how their existence and their insistence on survival are intrinsically linked to power relations.

**KEYWORDS:** Covid-19. Biopolitics. Pandemic. Foucault. Didi-Huberman.



## 1 INTRODUÇÃO

Entre esperanças e inquietações. Esse artigo foi escrito em meio à angústia e aos questionamentos de quem, assim como tantos corpos brasileiros, vê o tempo se esvair rapidamente diante do implacável vírus que nos assola, este pequeno ser com nome de Covid-19. Á medida que vacinas definitivas de combate ao vírus não chegam e medidas básicas de prevenção não são cumpridas, exaurimo-nos, e, fechados em nossas casas, findamos a roer as unhas, mesmo quando essas já não dão conta de testemunhar nossas inseguranças em tempos de pandemia. Aliás, pelo contrário, estas tornam-se agora nossas inimigas, potenciais zonas de repouso do vírus e armas de contágio. Mas este microscópico ser, que se multiplica de maneira avassaladora, não é responsável apenas pelos lamentos daqueles que, assim como nós, podem permanecer em casa. Enquanto discutimos o futuro da pandemia, os rumos das relações virtuais e a famigerada "nova normalidade", muitos corpos seguem nas ruas, obrigados a seguir em frente, seja pelos cargos que ocupam, em serviços essenciais, ou pelas condições vulneráveis a que se sujeitam. Pessoas que também lamentam, ou que talvez não tenham seguer tempo para lamentar. E o vírus nos jogou à mesa, com toda sua força, essas diferenças, como um "xeque-mate". Não é novidade que convivemos em par com a desigualdade estampada em nossas caras, seja nas calçadas em que andamos, nas notícias que lemos ou mesmo nos lugares em que trabalhamos, mas o fato é que parecíamos consumidos pela cegueira, diante do óbvio, ou apenas nos recusávamos a ver.

É nesta cegueira, ou, nesta recusa de ver, que operam os poderes totalitários. Atacar populações vulneráveis, minorias e defender os interesses de poderosos grupos conservadores são "pratos" já contemplados há tempos no cardápio daqueles que, ávidos pela manutenção do poder vigente, buscam tampar as fendas por onde caminham os povos errantes, aqueles que ameaçam à ordem. No Brasil, diante da pandemia, estas gestões políticas de exclusão foram definitivamente postas à prova e, ao mesmo tempo, escancaradas. Estratégias há muito já criticadas por Michel Foucault, e características cruciais da biopolítica. É nessas horas que se faz da exceção a nova regra e se legitima a guerra como forma de governar, onde os corpos de alguns devem ser apagados para que se preservem outros.

Diante do crescimento de políticas da morte no contexto da pandemia, em um mundo onde, como bem já mencionou Didi-Huberman, "[...] o inimigo não para de vencer" (DIDI-

HUBERMAN, 2011, p. 117), e onde "[...] o horizonte parece ofuscado pelo reino e por sua glória" (idem), levantam-se os punhos, rebelam-se os corpos e ecoam as palavras de revolta. Nascem os levantes. E entre a escuridão em que o vírus nos emoldura, onde os perigos do contágio parecem sobrevoar sem trégua por sobre nossas cabeças, e o caos perpetrado pelo poder vigente, instauram-se novas formas de sublevação. A internet firmase como campo de batalha e o espaço urbano é ocupado e ressignificado por meio de gritos, que saltam pelas janelas em forma de imagens e agarram-se às fachadas dos prédios ao anoitecer. Mobilizações que merecem ser analisadas enquanto novas formas de insurreição, que se moldam às limitações da quarentena e criam mecanismos próprios para dar vazão a seus descontentamentos no cenário pandêmico atual. Interessa-nos aqui sublinhar a potência destes gestos coletivos e problematizá-los no atual contexto da pandemia, quiando-nos por alguns dos pensamentos de Georges Didi-Huberman e Michel Foucault. Neste horizonte, onde a esperança parece escapar pelas frestas dos dedos e a escuridão insiste em tapar as pequenas estrias iluminadas, somos impelidos, assim, a refletir sobre as lutas que se fazem no contexto pandêmico atual, sobre nossa condição como espectadores desse cenário pérfido e sobre o futuro dos insurgentes.

## 2 BIOPOLÍTICA E COVID-19: ALIANÇAS VIRAIS

Desde o início de sua abrupta aparição e infestação desenfreada ao redor do mundo, a pandemia da Covid-19 tem estimulado, de maneira providencial, o debruçar de muitos pensadores sobre a forma como os governos têm lidado com a gestão de seus habitantes e gerado muitas discussões acerca das profundas cicatrizes que ainda se fazem presentes na organização social, que se evidenciaram no contexto pandêmico. Problemas que nunca deixaram de existir, mas se faziam sorrateiros em meio a gestões políticas, por meio de uma aparente normalização de problemas sociais de profundidades abissais. O Brasil, que já vêm passando por diversos ataques às minorias e aos setores da cultura, educação e meio ambiente, pra citar apenas alguns dos principais alvos do presidente da república Jair Bolsonaro, se viu, em 2020, diante do maior problema de saúde pública já enfrentado pelo país, se é que podemos usar a palavra "enfrentamento" para definir suas ações perante esse atual e trágico contexto.

Lembremos, entretanto, com a ajuda de Eliane Brum (2020), que essa ideia de "guerra", de "combate", de "enfrentamento" contra o vírus, um ser desprovido de consciência e de moral, parece mascarar uma verdade que aparentemente não querermos aceitar, de que o inimigo somos nós, ou, mais precisamente, criado por nós, que é o nosso sistema capitalista brutal de agenciar vidas. Não fugindo à regra de posicionamentos já tomados desde o início de seu mandato, o presidente Jair Bolsonaro deu continuidade ao seu projeto de menosprezo aos grupos indígenas, às populações das periferias e a todos os demais grupos já vulneráveis presentes no país, de modo a tornar o vírus um aparente aliado de seu governo. Desde o início da pandemia, o governo brasileiro se articulou ferozmente para minimizar a letalidade do vírus na tentativa de suavizar as verdadeiras consequências da sua exposição à população, uma estratégia mortífera para que as pessoas seguissem suas rotinas normalmente, contrariando de maneira convicta as exaustivas recomendações dadas diariamente pela Organização Mundial da Saúde (OMS) desde o início da pandemia. O posicionamento negacionista de Bolsonaro, apontado pela jurista Deisy Ventura (2020) em entrevista ao jornal *El País* e também reforçado pela pesquisadora Giselle Beiguelman (2020), é um meio de mobilização que visa obstruir medidas que ajudem na prevenção à Covid-19, em prol de interesses ideológicos e políticos do governo. Beirando nesse momento, o trágico número de quase 140.000 mortes, o governo mantém-se complacente ao crescimento dos casos, que agora ganham a companhia, nos principais veículos de comunicação, dos incêndios incessantes nas regiões do Amazonas, Pará e Mato Grosso. Incêndios que causam, além de uma destruição inestimável da natureza, a destruição de terras indígenas, abrindo-as para a exploração privada. Desde o início da pandemia, a população indígena, juntamente com as demais minorias e populações mais vulneráveis do país, vêm sofrendo com a propagação da doença sem receber suporte do governo federal.

Nesse tenebroso cenário, se faz pertinente a cirúrgica frase de Paul Preciado: "digame como a sua comunidade constrói sua soberania política e eu lhe direi quais serão as formas de suas epidemias e como você as enfrentará" (PRECIADO, 2020), leitura que o filósofo faz da história das epidemias globais dos últimos 500 anos sob a ótica da biopolítica de Michel Foucault. Em sua obra "Segurança, território e população", Foucault (2008) define a biopolítica como o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política. Trata-se, de acordo com Preciado (2020), de um poder que estabelece as políticas da vida, que surge com a ascensão do capitalismo e possui táticas que

determinam a consolidação de um território por meio de poderes que agem sobre a vida da população, definindo quais corpos devem viver e quais podem ser descartados. No cenário pandêmico do Brasil, essa biopolítica — que Preciado trata como uma biopolítica de imunização e exclusão, onde a sociedade se "auto imuniza" e dá a si mesma a autoridade de sacrificar aqueles que são vulneráveis em benefício de uma ideia de sua própria soberania, a ideia do direito de deixar morrer —, que já tinha desenho explícito, foi ainda mais evidenciada e agravada por meio do negacionismo do governo, suas medidas de flexibilização das atividades e combate ferrenho às orientações médicas. Uma estratégia visando o retorno a "normalidade", que pode ser traduzida como a volta da população vulnerável aos transportes coletivos lotados, aos centros urbanos abarrotados e o consequente adoecimento dessa população tratada subalternamente. Um caso, em suma, que não pode ser enxergado como erro de governo, mas como estratégia política.

Depois de aproximadamente sete meses de pandemia, continuamos cientes, mais do que nunca, de que o distanciamento social é a melhor solução para conter o avanço da pandemia, e de que o vírus, desprovido de maldade, consciência e moral, afeta a todos, desde os mais privilegiados até as populações mais pobres, mas também continuamos mais cientes do que nunca, consoante Beiguelman (2020), de que são os socialmente mais vulneráveis, a população mais afetada. Vidas que são deixadas à margem da sorte, ou da morte. Situação traduzida de forma transparente nas enfáticas palavras de Judith Butler: "Há sujeitos que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há vidas que dificilmente – ou melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas" (BUTLER, 2016, p. 17).

Em sua obra "Em defesa da sociedade", Michel Foucault (1999) observa que os estados modernos não governam para buscar a paz, mas para manter a guerra, um tipo de guerra continuada por outros meios, uma maneira de perpetuar as desigualdades e os sacrifícios. O que esse cenário parece nos mostrar de maneira clara no Brasil, e que já vem sendo debatido por vários pesquisadores, é que os dispositivos biopolíticos de governabilidade têm se acelerado por conta da pandemia, e junto com eles, os dispositivos de vigilância. Essas estratégias de vigilância e controle em tempos de pandemia acabam por sedimentar a sociedade entre os que tem condições financeiras de ficar em casa e os que precisam ir para as ruas, entre os que podem se cuidar e os que precisam se expor aos riscos. É uma forma de gestão dos corpos biológicos, controlando o uso dos espaços, dividindo-os entre o espaço dos que tem direito à vida, e o espaço daqueles que são vistos como ameaças à ordem da gestão biopolítica.

Para o filósofo Roberto Esposito (2020), a pandemia tem catalisado uma antiga relação de proximidade entre a vida biológica e a vida política, segmentando as populações, politizando a medicina e apelando para a ampliação de normas emergenciais em detrimento de procedimentos democráticos. Essa aproximação demonstra, no pensamento de Esposito, sinais perigosos de articulação de regimes totalitários, o que nos coloca em alerta para pensar aquilo que Giorgio Agamben tem apontado como a normalização de um perpétuo estado de exceção (ARROYO, 2020). Ou seja, é a condição em que dispositivos utilizados para situações emergenciais vêm sendo acionados e normalizados, colocando os cidadãos sob total situação de controle e como reféns do poder, ou, nas palavras de Foucault, transformando-os em corpos dóceis da obediência, onde a população, principalmente os mais vulneráveis, torna-se suspeita ante a ordem biopolítica. Podemos, entretanto, olhar ao redor e perceber que a condição de exceção tratada por Agamben já está instaurada e que já funciona como regra para uma grande parcela da população brasileira há muito tempo. O que a pandemia faz, mais uma vez, é nos colocar diante do óbvio, de um vidro límpido e incolor que antes parecia coberto por cortinas escuras, e que agora, ao abrirem, nos mostram com maior nitidez as desigualdades que não enxergamos ou que simplesmente ignoramos de dentro da nossa problemática "normalidade" cotidiana, de dentro de nossas janelas. Ao lado de fora, a pandemia não gera exceção ao cotidiano desses corpos que já vivem sob a restrição de direitos diariamente, com ou sem vírus, que continuam dentro dos transportes abarrotados, que sofrem preconceito ou que repousam sobre as calçadas. Populações indígenas, quilombolas, refugiados, ribeirinhos moradores da periferia, pessoas em situação de rua, catadores, comunidade LGBTQI+, todos carregam em comum a invisibilidade e o desprezo por parte do governo federal, que já vêm atacando essas populações desde muito antes de seu mandato. Um povo que, não favorecendo os discursos dominantes, desestabiliza o projeto ideológico de um povo "razoável" aos olhos do governo conservador e rompe com suas lógicas de pátria, família e moral, fazendo-se necessário o monitoramento desses corpos, que devem ser disciplinados e silenciados.

Em um mapa da pandemia divulgado pelo *El País* no mês de agosto, com dados que foram coletados até o dia 30 de julho, essas políticas da morte ficam ainda mais evidentes. Usando como exemplo a cidade de São Paulo, a maior e mais populosa cidade da América Latina, e traçando um comparativo entre o conjunto de favelas de Paraisópolis e o bairro do Morumbi, um dos mais caros da cidade, foi constatado que este último, que tem densidade populacional por quilômetro quadrado muito inferior do que Paraisópolis, teve

um número muito menor de afetados pela pandemia. Segundo dados oficiais da prefeitura de São Paulo divulgados pelo jornal Estadão na mesma época, foi comprovado que as pessoas com menor taxa de escolaridade e menor renda têm sido as mais vulneráveis, grupo esse constituído predominantemente por pessoas negras. Esses dados apenas confirmam aquilo que Preciado, Butler, Agamben, Esposito, entre outros pensadores, já vêm anunciando desde o início da pandemia, e aquilo que Michel Foucault já vinha nos dizendo há mais de trinta e cinco anos atrás, ao tratar do racismo político. O racismo na obra de Foucault pode referir-se aos problemas relacionados à raça, cor, situações de desigualdade social, abandono e encarceramento, e opera mediando as relações de poder e dominação na sociedade a partir de uma lógica de que a morte de uns favorece a sobrevivência de outros, livrando estes de um perigo biológico. Mas Foucault nos lembra também de que, opondo-se a esses poderes e dominações econômicas, sociais e institucionais, formam-se as resistências. Para ele:

Não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica, então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta, sem que para tanto venham a se sobrepor, a perder sua especificidade e finalmente a se confundir. Elas constituem reciprocamente uma espécie de limite permanente, de ponto de inversão possível (FOUCAULT, 1995, p. 248).

Essa resistência para Foucault compreende: "as lutas contra a dominação (étnicas, sociais, religiosas), as lutas contra as formas de exploração (que separam o indivíduo do que ele produz) e finalmente, as lutas que levantam a questão do estatuto do indivíduo (lutas contra o assujeitamento, contra as diversas formas de subjetividade e submissão)" (FOUCAULT, 1994, p. 227). Trata-se da capacidade que a vida tem de resistir ao poder que quer governá-la e que visa a defesa da liberdade.

E é em meio à atuação de descaso e de combate à saúde pública – como afirma a jurista Deisy Ventura (2020) em entrevista ao *El País* –, por parte do presidente da república frente à pandemia no Brasil, que a população deu início a movimentos de mobilização contra o governo federal. Atos de protesto contra o presidente Jair Bolsonaro ganharam fôlego nas ruas das principais capitais do país, mesmo com a possibilidade de aceleração do contágio. Em texto publicado em junho pela BBC Brasil, afirma-se que as mobilizações foram lideradas, em sua maioria, por movimentos de periferia, ativistas negros, integrantes de torcidas organizadas e a frente Povo Sem Medo, grupo da qual faz parte o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, o que corrobora o descontentamento dos grupos mais

vulneráveis com a gestão da morte usada pelo governo federal como resposta à pandemia. Apesar de sabermos do perigo eminente de contágio e das evidências do isolamento social como prevenção à doença, somos convidados por essas manifestações a refletir, com Beiguelman (2020), sobre como o coronavírus têm explicitado a nossa condição de seres políticos, e que nosso lugar é a rua, a cidade, recordando-nos da famosa tese aristotélica.

## 3 O LEVANTE DAS EMPENAS

Como meio de dar continuidade aos protestos sem expor esses corpos resistentes ao alto risco de contaminação presente nas manifestações de rua, movimentações culturais passam a encontrar maneiras de resistir através de soluções alternativas. Um desses movimentos, apontado por Beiguelman como o acontecimento mais relevante em termos culturais dentro contexto pandêmico, é o das projeções feitas nas fachadas dos prédios e que tem se espalhado e se intensificado por todo o país. Por trás desses movimentos, encontram-se os VJs, ou vídeo jockeys, profissionais atuantes na área cultural, criadores de performances visuais em tempo real que trabalham em diálogo com música e som e atuam principalmente em concertos, festivais de música, galerias e museus. O Coletivo Projetemos, formado durante a pandemia por uma equipe multidisciplinar, composta por dois VJs e uma cientista política, é o principal exemplo desse ativismo artístico, que se propagou por vários estados e tomou as fachadas dos prédios brasileiros nos últimos meses com mensagens de insatisfação. Essa ideia de ativismo artístico pelo qual as projeções nas fachadas tem se apoiado é um fenômeno configurado pela estreita relação entre arte e política, e já contemplado na própria Wikipedia com o termo "artivismo", servindo para designar movimentos de militância política no campo da arte e, também, novos coletivos que têm como o ativismo político o seu principal objetivo, atuando por meio de estratégias poéticas e performativas. A natureza do movimento amplifica, sensibiliza, reflete e interroga situações e temas em uma situação histórica e social específica, objetivando mudanças ou uma resistência política (SANT'ANNA, 2017). Contudo, para Hakin Bey (2004), o confronto direto com o estado não interessa às ações políticas desses coletivos ativistas, pois não lhes interessa o poder, estar no poder, ser o estado. Na "figura 1", vemos um exemplo das projeções feitas pelo Coletivo Projetemos. Nela, o protesto refere-se diretamente ao presidente da república. Utilizando uma fotografia do rosto do presidente, de maneira sarcástica, a imagem é completada pela palavra "arrependei-vos", dirigindo-se aos eleitores de Jair Bolsonaro. A projeção refere-se ao posicionamento do presidente diante da pandemia, que desde o início vem demonstrando total descaso com os milhares de mortos e tentando minimizar os efeitos do vírus.

pen dei-vos

Figura 1: "Meme com o presidente: de autoria de um grupo que se autodenomina @projetemos".

Fonte: Veja São Paulo (2020).

Essas mobilizações insubordinadas e insurgentes articulam-se em forma de recusa às práticas de racismo e aos poderes que as sustentam, podendo nos levar diretamente ao que Didi-Huberman (2017) nos ensina com o conceito de "levantes". De maneira poética, o filósofo nos captura e nos sensibiliza ao entender os levantes como:

É quebrar certo presente e erguer os braços ao futuro que se abre. É um sinal de esperança e de resistência. É um gesto e uma emoção. No gesto do levante, cada corpo protesta por meio de todos os seus membros, cada boca se abre e exclama o não da recusa e o sim do desejo (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 117).

Em tempos sombrios, ou, como ele mesmo diz, em tempos de chumbo, os levantes podem não acarretar em uma mudança imediata e contrária ao poder, mas promovem um

potente efeito sobre as consciências, sinais que geram reverberações. E não existe uma escala única que caracterize os levantes, eles podem se manifestar das mais diversas formas, desde o menor gesto de recusa ao mais imponente ato de protesto nas ruas. Levantar-se significa, independentemente de sua dimensão, jogar para longe o peso dos céus que carregamos como um fardo em nossos ombros e que prejudica nossos movimentos e nossa capacidade de pensar. E por que não jogar esse peso pelas janelas?

SOLTEM O LAUDO MÉDICO DESSE GENOCIDA

Figura 2: Projeções no Rio de Janeiro questionaram laudos de exames de Bolsonaro.

Fonte: Brasil de fato (2020).

A utilização da própria reclusão e das empenas dos prédios como principais suportes para as projeções, transformando-as em grandes telas, mobiliza esses grupos insurgentes em uma espera do anoitecer, como seres noturnos à espera da escuridão, aguardando o momento certo para emitirem seus sinais de protesto e utilizando-se de novas estéticas construídas através das janelas. Imagens que protestam, se recusam, mas que também acolhem e orientam aqueles que, sem proteção do estado, permanecem obrigatoriamente

nas ruas. Trata-se de um levante luminoso, que se apropria das redes digitais, das ferramentas utilizadas para o seu próprio controle e vigilância e as converte em um suporte para a insurreição, tomando um aspecto de multidão, utilizando-se de uma operação em rede para possibilitar a propagação de suas revoltas e gerar novos colaboradores. É um tipo de movimento de coletividade característico e já apontado por Judith Butler (2017), formado pelo estabelecimento de laços entre aqueles que resistem e como sendo uma característica intrínseca dos levantes, gerados na constatação de um sofrimento inaceitável pela população. Na "figura 2", vemos mais uma projeção direcionada ao presidente da república. Nela, os protestantes questionam sobre o laudo médio do presidente que, adotando estratégias negacionistas sobre o vírus desde o início da pandemia, recusou-se a apresentar seu laudo médico após membros de sua equipe terem sido diagnosticados com a Covid-19. Já a "figura 3", retrata uma projeção feita com a frase: "anistia para ditadores nunca mais", protestando contra as frequentes tentativas de Jair Bolsonaro de encobrir os crimes cometidos pelos militares nos anos da ditadura brasileira.



Figura 3: "Anistia para ditadores nunca mais".

Fonte: Artebrasileiros (2020).

Uma quantidade crescente de ações simultâneas de projeções em diferentes partes do Brasil desde o início da pandemia comprova o surgimento dessa movimentação coletiva. O número de integrantes até o momento já passa de duzentos, e é formado por profissionais de diferentes áreas, como VJs profissionais, designers, produtores, jornalistas, ativistas de diferentes causas e pessoas das mais distintas condições sociais, que em seu anonimato, enviam suas mensagens de protesto por meio das redes e promovem aquilo que Didi-Huberman (2011) e Deleuze (1999) chamam de uma contrainformação, que age diante dos sistemas de dominação e de exclusão e que será difundida nas fachadas pelos VJs. Mas Deleuze nos alerta que essa contrainformação só é eficaz se convertida em ato de resistência, em uma luta cotidiana para que as injustiças sejam contraditas, como nos sugere Didi-Huberman. Essas ações de contrainformação, difundidas nas margens por pequenos corpos anônimos ao anoitecer, como pequenos pontos de luz espalhados pelo mapa, tornam-se atos de maior importância e sobrevivência em um momento em que o país enfrenta, em meio a pandemia, uma avalanche de informações falsas difundidas estrategicamente pelo governo, visando minimizar os efeitos do vírus e desproteger as populações vulneráveis. Pontos de luz que acendem enquadrados por essas pequenas janelas do exílio urbano e se esparramam nas empenas, exclamando e, em seguida, se apagando, transmitindo um sinal que se reverbera e que continua a acender e exclamar por outras janelas. Sinais vaga-lume.

## 4 ENTRE PROJETORES E PROJEÇÕES VAGA-LUMES

Permito-me dessa forma invocar a metáfora dos vaga-lumes (*lucciole*) do cineasta Pier Pasolini, retomada anos depois por Didi-Huberman (2011). Pasolini, em sua carta de tom fúnebre escrita em 1975, conhecida postumamente como "O artigo dos vaga-lumes", lamenta, de forma completamente desacreditada, a morte daquilo que ele enxerga como o lampejo dos vaga-lumes. Para Pasolini, a inocência, o espírito popular, os sinais de resistência e esperança, haviam desaparecido diante do poder dominante, como uma luz emitida por pequenos vagalumes na noite que, em dado momento, desaparece, não nos permitindo mais enxergá-los ou acreditar que ainda estejam ali. Ora, para Pasolini, eles haviam morrido. O autor acreditava em um poder próprio das culturas populares e reconhecia nelas uma capacidade intrínseca de resistência histórica, mas o fascismo se

fazia ainda presente, ofuscando com a luz de seus enormes projetores de perseguição e controle, os pequenos lampejos e sinais dos vaga-lumes, que insistentemente tentavam sobreviver a um projeto de homogeneização cultural.

Mas Didi-Huberman desacredita da perspectiva catastrófica e já sem esperanças de Pasolini, e nos dá fôlego ao dizer que os vaga-lumes certamente não desapareceram, que eles persistem em sua sobrevivência, mesmo quando não os enxergamos. A renúncia do espectador em continuar seguindo o rastro desses lampejos, e um equivocado posicionamento desses mesmos espectadores diante do movimento sobrevivente dessas pequenas luzes - pontos de luminescência onde, para Pasolini, ocorrem os atos de resistência –, podem assumir, para Didi-Huberman, a possível responsabilidade pela impressão do desaparecimento dos pirilampos. E são por esses caminhos escuros e negligenciados pelo espectador que, apesar de tudo, correm os sobreviventes, insistindo em mobilizar rupturas frente à lógica dos grandes projetores. Nesse sentido, essas projeções insurgentes, ou esses lampejos que são lançados num movimento de catapulta em direção aos edifícios, alcançam sua magnitude ao conseguir construir uma ação em rede, mesmo em estado de confinamento, que deixa seus rastros ao espectador e agrega por meio das janelas muitas vozes e fazeres em seu processo, como bem aponta Beiguelman, proporcionando ao levante um movimento de lampejos intermitentes, que ao se apagar voltam a emitir luz em outros lugares. E onde as imagens projetadas ganham força, tornam-se, proferindo as palavras de Didi-Huberman,

Corpos luminosos passageiros na noite. Bolas de fogo que atravessam o horizonte, cometas que aparecem e vão se perder mais adiante. Vagalumes mais ou menos discretos, de alguma forma. Mais ou menos próximos de nós na noite (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 144).

As imagens luminosas projetadas nas empenas comunicam-se com outras janelas e dialogam com outros seres vaga-lumes, que passam a projetar novas imagens ou fotografar as projeções para disseminá-las por meio das redes sociais. A perpetuação dessas imagens funciona como a entrega de um novo sinal à novas comunidades luminosas, até que se forme um tipo de enxame de pirilampos. Didi-Huberman (2015) nos sugere que esses sinais muitas vezes discretos e intermitentes, ensinam-nos que é útil ser pequeno para enviar os sinais e escapar dos poderes. Compreende-se, nesse caso, para que o objetivo dos sinais seja alcançado, o importante papel dos espectadores que transfigurarão as mensagens recebidas em novos lampejos. Ora, para isso, cabe aqui o

papel fundamental de um espectador receptor que nos faz recordar do espectador emancipado de Jacques Rancière (2010), bem pontuado nesse contexto por Beiguelman (2020) em seu livro "Coronavida". Para que alcance a sua emancipação, os espectadores sugeridos por Rancière precisam ser de alguma maneira confrontados pela ação, para que sejam impelidos a abdicar da condição de observadores passivos e deem lugar a um espectador com participação ativa dentro de uma ação coletiva. O olhar, para Rancière, é oposto à ideia de agir, e o espectador que apenas olha permanece estático, sem proporcionar qualquer tipo de intervenção e contribuição. Mostra-se, dessa maneira, o papel fundamental da mobilização coletiva em rede, que tem feito o movimento tomar grandes proporções e tem emancipado esses espectadores que se negam à submissão. Cabe agora, a esses receptores vaga-lumes, o importante papel de continuar emitindo novos sinais, para que a mensagem alcance novas comunidades e acenda, como a brasa de um cigarro, novas faíscas.

Trata-se de um movimento de luz contra luz, como nos ensina Didi-Huberman (2015). De um lado as luzes fortes dos projetores da tirania, como já nos alertava Pasolini, e agora, de outro, as luzes combatentes de novos projetores, que se levantam pelas empenas dos prédios e que insistem em sobreviver. Pasolini certamente errou ao considerar o desaparecimento dos pirilampos seu derradeiro suspiro, a morte de seus lampejos. As pequenas luzes das janelas que se projetam e que tomam o espaço urbano nesse contexto pandêmico e de enfrentamento ao biopoder nos comprovam a tese de Didi-Huberman de que os resistentes vaga-lumes continuam emitindo seus sinais luminosos. É verdade que os potentes refletores do governo continuarão a se acender na busca de ofuscar os pequenos lampejos daqueles que resistem, assim como um dia ofuscaram a esperança de Pasolini. O poder dominante sempre persistirá no desaparecimento dos vaga-lumes, e estes, persistirão em ressurgir na escuridão para que as verdades apareçam e, com elas, levantem-se as esperanças.

Certamente as projeções das janelas em algum instante cessarão. Como nos lembra Butler (2017), todo levante tem um fim e seu fracasso é intrínseco à sua definição, porém, mesmo que não alcance seus objetivos, ele entra para a história e constitui uma realização de repercussões afetivas que sobreviverão nas memórias. Enquanto isso, seguem-se as sublevações, as palavras de revolta e as mensagens orientadas também ao bem-estar social daqueles que precisam continuar nas ruas. Há de se concordar com Didi-Huberman (2011) que, contudo, existem motivos de sobra para o pessimismo, e o contexto pandêmico talvez tenha nos provado essa teoria, mas há de se concordar também que é "[...] tão mais

necessário abrir os olhos na noite, se deslocar sem descanso, voltar a procurar os vagalumes" (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 49). Quando se esvanecerem, resta-nos seguir seus rastros e saber onde ressurgirão seus próximos sinais luminosos. Depende de nós que não desapareçam para que possam continuar emitindo gestos de humanidade. Por ora, resta-nos ainda a pergunta: poderá um dia a pequena luz clandestina dos projetores vaga-lumes enfim ofuscar as luzes da tirania?

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vírus parece ter nos colocado diante de nossos próprios reflexos. Nossas certezas, nossa moral e nossas intenções como sociedade parecem ter sido desveladas com a chegada da Covid-19. É como se, diante de nós, se revelasse um rio de margens límpidas, fazendo-se explicitar, em sua superfície, a escuridão estabelecida em suas profundezas e que constitui as nossas políticas de dominação. Problema que se intensificou e cristalizou as desigualdades que já nos circundavam muito antes da pandemia. Essa condição pandêmica, respondida por meio da quarentena, acabou por servir de subsídio para que os poderes colocassem em prática, de maneira acelerada, essas políticas de dominação e controle dos corpos biológicos, por meio da proteção de uns e exposição de outros. Foucault nos ensina que esses poderes políticos teriam como função a manutenção de relações de força "mediante uma espécie de guerra silenciosa e de reinseri-la nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem dos corpos de uns e outros" (FOUCAULT, 1999, p. 23).

No Brasil, mas não apenas, a frase parece ter caído como uma luva. Vimos que a maior parte dos afetados pela gestão de extermínio da pandemia, é constituída por populações em situação de vulnerabilidade, em sua maioria, pessoas negras. Diferentemente de outras pandemias que já assolaram a humanidade, assistimos o coronavírus se espalhar exponencialmente, em uma época em que os aparatos tecnológicos nos revelam, quase que em tempo real, o catastrófico número de mortes que cresce em alta velocidade todo os dias. Pessoas que aos olhos do poder tornam-se números, estatísticas. Mas, como nos ensina Foucault, não há relação de poder sem resistência. O descontentamento e a revolta passam a tomar conta daqueles e daquelas que, inconformados(as) com o desprezo do presidente da república pelas milhares de

mortes, recusam-se à submissão e aceitação. Dispostos a resistir e se opor ao poder vigente, esses grupos de resistência se apropriaram dos meios digitais para gerar em rede, uma comunidade de anônimos. Utilizando-se de suas janelas como meio de libertar suas insatisfações para o espaço urbano, as projeções de imagens nas empenas dos prédios tornaram-se a principal arma dos insurgentes. As circunstâncias certamente puderam me levar, nesse instante, a concordar com Didi-Huberman (2015), ao dizer que não se pode esperar de uma imagem nada além de sua instauração simultânea como uma política, um "aviso de incêndio", e como forma poética de resgatar uma esperança.

Sob o prisma dos "levantes" e da metáfora dos vaga-lumes, pudemos refletir sobre as circunstâncias em que esses movimentos das projeções passam a emitir seus sinais e como a coletividade, apontada por Butler (2017), constitui parte inerente para a conflagração desses grupos. Para Butler (2017), a derrota é própria dos levantes, levandonos a questionar a efetividade desses movimentos que têm se organizado ao redor das janelas. Vale entender, porém, que a potência desses levantes não reside no ato de vencer, mas, de resistir. De propagar no tempo seus lampejos, reverberar os seus sinais, para que a faísca, em outro tempo, possa se acender novamente. As imagens, sobreviverão. Longe de um pessimismo, há motivos para desacreditar na vitória dos pequenos projetores. Nessa história que parece não dar chance aos vencidos, o que esperamos é que os sinais continuem a se propagar na escuridão.

Entre esperanças e inquietações. Assim seguimos à vista do vírus invisível que ainda nos acomete e que parece não querer se despedir de nós. Entre textos escritos em reclusão e notícias diárias que nos consomem, entre as luzes ofuscantes do poder e a resistência dos vaga-lumes, penso que a pequena brasa de esperança precisa continuar acesa. E que, como Didi-Huberman nos ensina, assim permanecerá. Basta que saibamos acompanhá-la. Entre levantes e derrotas, gritos e silêncios, devemos continuar aprendendo, apesar de tudo, a "ouvir o ronco surdo da batalha", como já nos lembrava Michel Foucault (1983, p. 269).

## **REFERÊNCIAS**

ANDRE, Carminda. Arte, Biopolítica e Resistência. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 426-442, dez. 2011.

ARROYO, Francesc. Giorgio Agamben. O estado de exceção se tornou norma. **El País**, 30 de abril de 2020. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/19/cultura/1461061660\_628743.html. Acesso em: 17 set. 2020.

ASSIS, Tatiane de. Quem está por trás de meme de Bolsonaro visto em panelaços. **Veja São Paulo**, 28 de março de 2020. Disponível em: https://vejasp.abril.com.br/blog/arte-aoredor/bolsonaro-mascara-projecoes-artistas-vis/. Acesso em: 22 set. 2020.

BEIGUELMAN, Giselle. **Coronavida:** pandemia, cidade e cultura urbana. São Paulo: ECidade, 2020.

BEY, Hakim. Zona Autônoma Temporária. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2004.

BRUM, Eliane. O vírus somos nós (ou uma parte de nós). **El país**, 25 de março de 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-03-25/o-virus-somos-nos-ou-uma-parte-de-nos.html. Acesso em: 14 set. 2020.

BUTLER, Judith. Levante. *In*: DIDI-HUBERMAN, G. (Org). **Levantes**. São Paulo: SESC, 2017.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**. Quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CANDIOTTO, César. Biopoder e racismo político: uma análise a partir de Michel Foucault. **Interthesis**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 20-38, jul.-dez. 2012.

DELEUZE, Gilles. O ato de criação. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 jun. 1999. Caderno Mais!

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vagalumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Levantes**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho *et al*. São Paulo: SESC, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Luz contra luz**. [E-book]. Tradução de V.Brito. Lisboa: KKYM, 2015.

ESPOSITO, Roberto. **Biopolítica y coronavirus**. 24 de março de 2020. Disponível em: https://www.filco.es/biopolitica-y-coronavirus/. Acesso em: 17 set. 2020.

FERRAZ, Marcos Grinspum. Projeções luminosas se espalham pelo país como armas de luta e conscientização. **Artebrasileiros**, 20 de abril de 2020. Disponível em:

https://artebrasileiros.com.br/arte/cidade/projetemos-isolamento-social-coronavirus/. Acesso em: 22 set. 2020.

FOUCAULT, Michel. Dits et écrits. Paris: Gallimard, 1994. 4v

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008 (Coleção tópicos).

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1983.

GALINDO, Jorge; ARROYO, Lorena. Os mapas da pandemia revelam as desigualdades na América Latina. **El país**, 04 de agosto de 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/internacional/2020-08-04/os-mapas-da-pandemia-revelam-as-desigualdades-na-america-latina.html. Acesso em: 15 set. 2020.

MENGUE, Priscila; ARAGÃO; Marina. Prefeitura estima que SP já teve 1,3 milhão de casos de covid; número é 7 vezes maior que oficial. **Estadão**, 28 de julho de 2020. Disponível em: https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,prefeitura-estima-que-sp-tem-1-3-milhao-de-casos-de-covid-numero-e-7-vezes-maior-que-oficial,70003378610. Acesso em: 25 set. 2020.

OLIVEIRA, Pamela. População "presenteia" Bolsonaro com panelaço e gritos de "miliciano". **Brasil de fato**, 21 de março de 2020. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2020/03/21/populacao-presenteia-bolsonaro-companelaco-e-gritos-de-miliciano. Acesso em: 22 set. 2020.

PASOLINI, Pier Paolo. Il vuoto del potere ovvero l'articolo dele lucciole. **Corriere dela Sera**, 1 febbraio 1975. Disponível em: https://www.corriere.it/speciali/pasolini/potere.html. Acesso em: 19 set. 2020.

PRECIADO, Paul B. Aprendiendo del vírus. **El país**, 28 de março de 2020. Disponível em: https://elpais.com/elpais/2020/03/27/opinion/1585316952\_026489.amp.html. Acesso em: 20 set. 2020.

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

SALLES, Eduardo Baldissera Carvalho; AMARAL, Augusto Jobim do. Pandemia, vigilância e os perigos do solucionismo tecnológico. In: Liton Lanes Pilau Sobrinho; Cleide Calgaro; Leonel Severo Rocha. (Org.). **Covid-19: ambiente e tecnologia**. 1ed. Itajaí: Univali, 2020, v. 1.

SANT'ANNA, Sabrina Marques Parracho; MARCONDES, Guilherme; MIRANDA, Ana Carolina Freire Accorsi. Arte e política: a consolidação da arte como agente na esfera pública. **Sociol. Antropol.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 825-849, Sept. 2017.

SCHREIBER, Mariana. Pandemia e risco de conflito podem limitar alcance de atos contra Bolsonaro e racismo. **BBC News Brasil**, 5 de junho de 2020. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52931385. Acesso em: 25 set. 2020.

VENTURA, Deisy. "Há indícios significativos para que autoridades brasileiras, entre elas o presidente, sejam investigadas por genocídio". **El país**, 22 de julho de 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-22/ha-indicios-significativos-para-que-autoridades-brasileiras-entre-elas-o-presidente-sejam-investigadas-por-genocidio.html. Acesso em: 16 set. 2020.

### **NOTAS**

#### **TÍTULO DA OBRA**

O LEVANTE DAS EMPENAS: LAMPEJOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

#### Max Alan Kampa

Mestrando

Universidade Federal do Paraná, Departamento de Design, Curitiba, Brasil. maxakampa@gmail.com

https://orcid.org/0000-0001-8493-537X

### Erick Renan Kampa

Mestre

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, Curitiba, Brasil. erickrkampa@gmail.com

https://orcid.org/0000-0001-8166-9504

### Marcos Namba Beccari

Doutor

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Departamento de Design, Curitiba, Brasil. contato@marcosbeccari.com

1 https://orcid.org/0000-0002-2178-097X

#### **FINANCIAMENTO**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

### LICENÇA DE USO - uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a <u>Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional (CC BY)</u>. Estra licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### PUBLISHER - uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no <u>Portal de Periódicos UFSC</u>. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## **HISTÓRICO**

Recebido em: 16 de novembro de 2020 Aprovado em: 03 de dezembro de 2020